

ENTRE  
ARQUITETURAS,  
CIDADES E  
FEMINISMOS

---

PESQUISAS DO  
OBSERVATÓRIO  
AMAR.É.LINHA

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Entre arquiteturas, cidades e feminismos [livro eletrônico] : pesquisas do observatório amar é linha / organização Carolina Pescatori, Maribel Aliaga. -- 1. ed. -- Brasília, DF : LaSUS FAU : Editora Universidade de Brasília, 2022.  
PDF.

Vários autores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-84854-05-5

1. Arquitetura 2. Cidades 3. Feminismo  
4. Mulheres arquitetas 5. Mulheres - Aspectos sociais 6. Urbanismo I. Pescatori, Carolina.  
II. Aliaga, Maribel.

22-122453

CDD-720

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Arquitetura 720

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ENTRE  
ARQUITETURAS,  
CIDADES E  
FEMINISMOS

---

PESQUISAS DO  
OBSERVATÓRIO  
AMAR.É.LINHA

# SUMÁRIO

**7 Entre palácios e mulheres**

**Maribel Aliaga**

**16 Apresentação**

**Maribel Aliaga; Carolina Pescatori**

**21 Da cozinha para a rua**

*A afirmação da mulher como arquiteta*

**Luiza Rego Dias Coelho**

*parte 1*  
**Teoria**

**41 Arquiteturas feministas**

**Ana Carolina Medeiros**

**61 A arquitetura feminina  
invisibilizada de Brasília**

*Apagamento das mulheres em  
catálogos arquitetônicos*

**Júlia Moreira**

**87 Senzala moderna**

*A permanência dos “quartos de  
empregada” em Brasília*

**Sarah Gabrielle Lucena Silva**

*parte 2*  
**Violência**

**105 Arquitetura de fronteir[a]**

*Mulheres entre Brasil/Venezuela*

**Júlia Coutinho; Ricardo Trevisan**

**125 Refugiadas urbanas**

*Design tático para repensar o trajeto das mulheres em situação de rua na Asa Norte de Brasília*

**Nádia Vilela**

**153 O acolhimento social da mulher indígena no Brasil e aspectos habitacionais**

*O caso de Dourados (MS)*

**Maitê Campos Vieira**

*parte 3*  
**Pandemia**

**177 Cartografia da covid-19**

*A situação da classe das trabalhadoras domésticas no Distrito Federal*

**Lorrany da Silva Arcanjo**

**193 Mulheres na pandemia**

*Costuras sobre narrativas e números*

**Júlia Bianchi**

*parte 4*  
**Perspectivas**

**215 Direito à cidade para mulheres:**

*Análise dos planos diretores do Distrito Federal*

**Sara Cristina de Carvalho Zampronha**

**247 Montando o Ferro's Bar**

*Reivindicando a memória lésbica no Brasil*

**Alyssa Volpini**

**278 Sobre as autoras**









# A ARQUITETURA FEMININA INVISIBILIZADA DE BRASÍLIA

## APAGAMENTO DAS MULHERES EM CATÁLOGOS ARQUITETÔNICOS

**Júlia Moreira**

### RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise das representações da cidade de Brasília como símbolo da modernidade nacional, e mostrar como as representações implicam em um processo de invisibilização feminina por meio da exclusão de obras de arquitetas que compõem o acervo arquitetônico memorial da cidade. Para isso, será investigada uma série de documentos e registros sobre a cidade, mais especificamente panfletos, guias arquitetônicos e, também, publicações recentes de livros que têm aspecto catalográfico. Essa curadoria foi feita, principalmente, a partir do acervo público do Distrito Federal e alguns de acervo pessoal, expondo qual o ponto de vista transmitido pela história e arquitetura desses documentos. Em oposição a essa visão excludente, este trabalho traz uma breve análise de obras realizadas por mulheres na capital, e mostra novas iniciativas que já se obtêm para reversão do cenário de apagamento feminino na arquitetura e história de Brasília.

### PALAVRAS-CHAVE

*Brasília; arquitetura; arquitetura feminina; modernismo; apagamento.*

## INTRODUÇÃO

Brasília, sendo símbolo da modernidade nacional, tem uma história que impacta a nossa própria identidade como nação. Olhando os documentos e registros que existem sobre essa cidade, vemos que é uma história narrada sempre do ponto de vista masculinizado, com homens sendo os heróis do país e do desenvolvimento da nação. A arquitetura, como reflexo da estrutura social, também é uma projeção dessa história cujo ponto de vista tende a ser masculino e que acarreta uma invisibilização das mulheres. Nesse contexto, a história de Brasília é um exemplo chave em que o acervo de figuras masculinas que compõem a arquitetura da cidade é imenso, ao mesmo tempo em que essa narrativa hegemônica esconde o papel de protagonismo das mulheres em vários projetos de Brasília que também definiram essa paisagem modernista. Isso inclui arquitetas como Alda Rabello Cunha, Anna Maria Niemeyer<sup>1</sup> e várias outras.

Este artigo busca refletir sobre essa invisibilização, mostrando como um processo de apagamento se dá em múltiplas e inter-relacionadas dimensões. Para tanto, analisaremos elementos fundamentais na construção do imaginário urbano, normalmente, de descrição e patrimonialização da cidade, como guias turísticos e livros catalogados sobre Brasília. Tais guias e livros foram pesquisados no Arquivo Público do Distrito Federal e em outros de aquisição pessoal.

Os guias turísticos são o primeiro contato que o público tem para entender a cidade, seus projetos e sua história, bem como os livros representantes das obras arquitetônicas em Brasília. Na maioria dos casos, eles apresentam essa produção arquitetônica masculinizada, com algumas diferenças ao longo do tempo. Os mais recentes são iniciativas de mapas culturais que colocam as mulheres no campo da visibilidade. Esse ponto será central na narrativa. A partir disso, será concluído com potenciais políticas públicas para dar mais visibilidade à produção feminista na cidade de Brasília.

## 1. A INVISIBILIZAÇÃO DA MULHER NA ARQUITETURA

A invisibilização das mulheres na arquitetura é um processo longo, extenso e datado de décadas no Brasil e no mundo.

1. Alda Rabello Cunha foi uma paisagista que apresentou diversos trabalhos na capital, como o paisagismo do edifício Camargo Corrêa. Anna Maria Niemeyer, filha de Oscar Niemeyer, desenhou e confeccionou vários móveis para projetos na capital, incluindo os do Palácio da Alvorada.

Exemplo dessa história de mulheres arquitetas talentosas é o da Denise Scott Brown. Arquiteta e professora nascida em Zâmbia, teve sua carreira principalmente nos Estados Unidos da América. Casada com o também arquiteto Robert Venturi, Denise viu sua carreira brilhante sendo escondida atrás do nome de seu marido, que recebia prêmios, jantares comemorativos e eventos, enquanto a arquiteta permanecia excluída. Isso se dava porque, na década de 1970, a profissão ainda permanecia, majoritariamente, em um clube de homens, apesar do papel central que arquitetas, como as arquitetas da Bauhaus, tiveram na formação do movimento moderno, como por exemplo Eileen Gray.

Denise Scott Brown, em seu ensaio intitulado “*Sexism and the Star System in Architecture*” (1975), retrata essa hegemonia e cita um caso que aconteceu com ela e que exemplifica essa posição das arquitetas de sua época:

2. No mesmo ensaio “*Sexism and the Star*

*System in Architecture*”,

Brown aborda que ambos explicavam às instituições e jornalistas que a autoria do trabalho era do casal, mas insistiam em deixá-la como coadjuvante.

*Para evitar erros de atribuição, nosso escritório fornece uma folha de informações descrevendo nossas formas preferidas de atribuição — o trabalho para nossa empresa, a escrita para a pessoa que assinou o artigo ou o recanto. O resultado é que alguns críticos agora fazem uma pro forma de maneira apagada; em seguida, no corpo do texto, o desenho da obra e as ideias da escrita são atribuídas a Robert Venturi [...]. Isso seria bom, exceto que a Comunidade Crosstown foi meu trabalho e foi atribuída como tal em nosso livro; Duvido que, durante um período de dois anos, Bob tenha passado duas tardes nisso.*

3. Um abaixo

assinado pelo

site [change.org](http://change.org) foi criado para reconhecimento

do trabalho de

Denise Scott

Brown no prêmio

de 1991, atribuído

a Robert Venturi,

e para pressionar

Martha Thorne

(diretora-

executiva do

Prêmio *Pritzker*)

a reconhecer

Brown. Ele já

fora assinado por

21.755, até 2022, e

ainda está aberto

para assinaturas.

A arquiteta via seu trabalho sendo diminuído durante toda sua carreira e o ápice foi quando seu marido, Robert Venturi, em 1991, recebeu o prêmio *Pritzker* individualmente, ainda que a maior parte das obras tenha sido realizada em conjunto com Denise Scott Brown que, mesmo assim, foi invisibilizada pelo prêmio. Denise e seu marido levantaram a discussão de revolta<sup>2</sup> à instituição, que, até hoje, premia prevalentemente figuras masculinas. Um exemplo dessa exclusão é a primeira mulher arquiteta a ter recebido o prêmio ter sido Zaha Hadid, em 2004, mesmo a premiação tendo sido criada em 1979.

A revolta de várias comunidades pelo mundo foi presente diante do caso de Denise Scott Brown. Foram realizados abaixo-assinados<sup>3</sup> para o prêmio reconhecer a arquiteta como também

merecedora do *Pritzker*. A instituição diz admirar o trabalho da Denise<sup>4</sup>, mas não premiou até hoje a arquiteta no mesmo ano que seu marido. Jornais pelo mundo como *The New York Times*, *The New Yorker*, *Archdaily* e a própria Denise escreveram artigos sobre esse caso, motivo de pauta até hoje<sup>5</sup>.

change.org

Detalhe do abaixo-assinado

**The Pritzker Architecture Prize Committee:  
Recognize Denise Scott Brown for her work in  
Robert Venturi's 1991 Prize**



NEW YORKER

Arch

CHANGE.ORG

### WHAT ABOUT DENISE?

By Denise Scott  
MAY 18, 1989

In 1991, the Philadelphia architect Robert Venturi was honored with the Pritzker Prize, the profession's equivalent of the Nobel Prize. He was widely considered a deserving choice and, if anything, overdue for the honor. His firm, Venturi, Scott Brown & Associates, had played a central role in freeing American architecture from the grip of postwar modernism, which by 1990 had devolved from its bracing glory days to orthodoxy and hollow glass-and-metal corporate veneer. Scott Brown was lauded for a few famous works, like the Sainsbury Wing of the National Gallery on London's Trafalgar Square, but even more for the foundation it laid for the team against modernism. Their books, *Complexity and Contradiction in Architecture* (1966) and *Learning from Las Vegas* (1972), opened for an embrace of the messy and the vernacular, a rejection of blandness, and an appreciation of ornament. Both volumes



### Denise Scott Brown Demands Recognition from Pritzker



### Room at the Top? Sexism and the Star System in Architecture

BY DENISE SCOTT BROWN



Esse processo de invisibilização das mulheres na arquitetura não é apenas registrado na história da arquitetura global como um todo, mas também em Brasília e suas representações. Na capital, existem diversos projetos de mulheres e eles não têm a mesma proeminência dos projetos masculinos que são representados por Oscar Niemeyer, o urbanismo de Brasília pensado por Lúcio Costa, diversos edifícios e projetos de José Galbinski, os painéis de

4. Na nota de anúncio do prêmio *Pritzker* a Robert Venturi (1991), Brown é mencionada apenas como sua esposa e colaboradora.

5. Artigo do *The New York Times* intitulado “Proposta para o *Pritzker* reconhecer Denise Scott Brown” (2013); *The New Yorker*: “E Quanto a Denise?” (2013); *Archdaily*: “Denise Scott Brown exige reconhecimento para o *Pritzker*” (2013); “*Sexism and the Star System in Architecture*” (BROWN, 1989).

Figura 1  
Artigos e abaixo-assinado pelo reconhecimento do *Pritzker* a Denise Scott Brown.

Fonte: Montagem da autora, 2021.

Athos Bulcão, mais edifícios por João Filgueiras Lima, paisagismo de Burrell Marx e muitos outros que são conhecidos e reconhecidos por suas obras.

Além do viés arquitetônico, ao se tratar da construção de Brasília, muito se conhece sobre os candangos, em sua maior parte figuras masculinas, e também sobre os feitos de Juscelino Kubitschek. De fato, na época, os acampamentos das construtoras aceitavam prioritariamente homens solteiros, além de a moradia e condição de vida da população naquele momento da história ser precária e insalubre. A presença de mulheres na construção de Brasília foi algo gradual e elas foram contribuindo silenciosamente na construção da capital. Ainda assim, muitas mulheres foram marcantes na formação da identidade de Brasília.

Eleonora Quadros foi uma das fundadoras da construtora M. M. Quadros e foi a primeira mulher a comandar uma empresa na capital<sup>6</sup>. A construtora existia antes mesmo da inauguração de Brasília. Outra mulher marcante na história inicial da cidade foi Neiva Chaves Zayala, a primeira caminhoneira do Brasil e fundadora do Vale do Amanhecer<sup>7</sup>. Mais um exemplo é Coracy Pinheiro, mulher de Israel Pinheiro (presidente da Novacap), que liderou as Pioneiras Sociais, instituição filantrópica que deu início à Rede Sarah<sup>8</sup>. O papel dessas e de várias outras mulheres foi fundamental para o sucesso de Brasília. E apesar de serem mulheres importantes na fundação da capital, raras pessoas as conhecem e valorizam a sua importância na formação de Brasília.

6. Catálogo Depoimentos Orais I. Arquivo Público do DF (1960-2010).

7. Tese de Doutorado de Marcelo Rodrigues dos Reis (2008).

8. Agência Brasília (GDF, 2021).

#### Figura 2

Neiva Chaves Zayala (Tia Neiva), a primeira caminhoneira do Brasil.

Fonte: A Voz Delas, 2020

Disponível em:



Ainda sobre o início da história de Brasília, no concurso de urbanismo da capital, muito se sabe a respeito dos projetos premiados e nenhum deles tem um nome feminino como parte

de sua autoria. No entanto, um dos projetos mais destacados, ao menos na historiografia, é o projeto do qual fazia parte a arquiteta Liliana Guedes, junto com Joaquim Guedes, Carlos Milan e Domingos Azevedo. Liliana era arquiteta e tinha seus trabalhos produzidos junto com seu marido, Joaquim Guedes<sup>9</sup>.

O projeto principal para o Concurso do Plano Piloto de Brasília, de 1957, seria de uma cidade aberta para que esse aumento territorial fosse possível, acompanhando o crescimento populacional proporcionalmente<sup>10</sup>. Hoje, em Brasília, observa-se que no Plano Piloto não existe essa possibilidade de aumento territorial.



### Concurso para o Plano Piloto de Brasília, 1957

Joaquim Guedes, Carlos Milan, Liliana Guedes e Domingos Azevedo

- |   |                                       |
|---|---------------------------------------|
| 1 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA   | 9 HOSPITAIS, CEMITÉRIOS, ETC.         |
| 2 ENTREPÓSOS  | 10 QUARTÉIS                           |
| 3 ESTAÇÃO RODOVIÁRIA  | 11 USO AGRÍCOLA, FUTURA EXPANSÃO      |
| 4 ZONA INDUSTRIAL   | 12 RESIDÊNCIAS ISOLADAS               |
| 5 AEROPORTO   | 13 ESPORTES DE CAMPO                  |
| 6 CENTRO CULTURAL, COMERCIAL,<br>RECREATIVO E POLÍTICO-ADMINISTRATIVO | 14 CRECHES, ESCOLAS, PARQUES INFANTIS |
| 7 PÁTIO FERROVIÁRIO   | 15 FAIXA RESIDENCIAL                  |
| 8 CAIXA D'ÁGUA  | 16 ESPORTES NÁUTICOS                  |

9. Vitruvius.  
**Interiores da Casa de Liliana e Joaquim Guedes** (2019).

10. **Arquitetura Brasileira após Brasília/ Depoimentos.** Instituto dos Arquitetos do Brasil, RJ (1978).

### Figura 3

Concurso para o Plano Piloto de Brasília, 1957. Joaquim Guedes, Carlos Milan, Liliana Guedes e Domingos Azevedo.

Fonte: Arquitetura Brasileira Após Brasília/ Depoimentos, 1978.

A despeito dessa invisibilização das mulheres na arquitetura do mundo, do Brasil e de Brasília, pode-se observar que os projetos não são escassos, mas mal documentados e pouco vistos. A falta de documentação e divulgação de projetos leva à desinformação do público acerca de tais obras. Flávio Marinho Rêgo expõe sobre a falta de informação da arquitetura e sua relação com o entendimento geral no livro “Arquitetura Brasileira Pós-Brasília” (1978):

*[...] há uma desinformação total da nossa arquitetura (Brasil). A gente está muito acostumado a tomar conhecimento de tudo o que se faz no mundo inteiro, através de revistas estrangeiras muito boas, que a gente recebe. Agora, ninguém está informado do que se faz no Brasil porque não existe divulgação.*

A falta de documentação acontece não somente no campo da arquitetura brasileira em relação à arquitetura vista no exterior, mas também na falta de documentação para se tornarem reconhecidas as obras arquitetônicas de autoria feminina, para maior visibilidade em relação à arquitetura feita por homens, em sua maioria brancos, que fazem parte da história brasileira.

Um desses exemplos de falta de documentação são guias patrimoniais e turísticos, bem como livros catalogados de obras em Brasília. Ambos são gêneros literários urbanos produzidos abundantemente sobre a capital. Os guias físicos e digitais são essenciais para o maior conhecimento a respeito de um local, portanto eles serão analisados quanto a sua constituição ao longo dos anos em Brasília para explorar a presença de figuras femininas.

## 2. EVOLUÇÃO DE CATÁLOGOS E GUIAS

### 2.1. LIVROS-CATÁLOGOS

Uma das principais maneiras de acesso de uma população às arquiteturas de uma cidade é por meio de livros expositivos da dita cidade. Serão analisados, em sua composição, dois livros-catálogos. O primeiro livro, denominado “Brasília — edição ‘arquitetura e engenharia’” edição de julho-agosto de 1960, que expõe em vários capítulos arquitetura e história brasilienses e é de fácil acesso no Acervo Público do DF. O segundo livro-catálogo,

“Brasília, História e Modernidade” (2020), de Luciano Figueiredo, Andrey Rosenthal Schlee e Leonardo Finotti, é um catálogo de acervo pessoal sobre as diversas obras da capital.

Um grande exemplo da escassa visibilidade dos projetos feitos por mulheres em Brasília é muito notado no livro “Brasília — edição ‘arquitetura e engenharia’”, mencionado anteriormente, em que são encontrados diversos itens evidenciando a arquitetura brasiliense, citando José Bonifácio como precursor de Brasília; a história de criação de Brasília; um capítulo sobre homens que realizaram Brasília; um tópico citando todos os projetos premiados do Concurso Nacional do Plano Piloto da Nova Capital do Brasil, o Concurso de Brasília e diversos projetos arquitetônicos pela capital como o Conjunto Residencial — Banco do Brasil; Conjunto Residencial do IBC; apartamentos para funcionários do Banco do Brasil; Centro de Recuperação Motora; Teatros Oficiais; Instituto de Resseguros do Brasil; Aeroporto Internacional e vários outros projetos e em nenhum deles, porém, encontra-se o nome de uma arquiteta e paisagista. Somente homens em todo o sumário e conteúdo do livro.

Ainda a respeito de obras que retratam a história de Brasília, é encontrado no recente livro publicado chamado “Brasília, História e Modernidade” (2020), um compilado de 129 projetos da capital fotografados por Leonardo Finotti. Nele, são apresentadas imagens de todos os projetos mencionados no livro-catálogo.

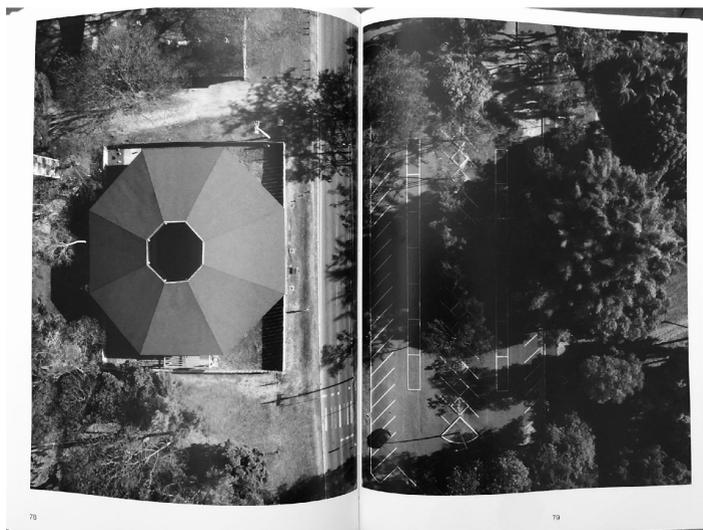
Fazendo uma porcentagem, vemos que a presença feminina ainda continua sendo sub-representada. Apenas 2 projetos citam mulheres arquitetas em sua concepção: Maloca — Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas da UnB (2011), por Alberto Alves de Faria, Sônia Almeida e Renata Brazil; e a Embaixada da Suíça (1977) de Annemarie e Hans Hubacher. Esses dois únicos projetos representam 1,55% das obras do livro/guia da arquitetura brasiliense, claramente sub-representando a participação feminina na arquitetura da capital. Nesse sentido, talvez não por acaso, todos os três autores da publicação — Luciano Figueiredo, Andrey Rosenthal Schlee e Leonardo Finotti —, relatam uma perspectiva historiográfica ainda pautada na hegemonia masculina.



Figura 4

Capa do livro  
“Brasília – edição,  
arquitetura e  
engenharia”.

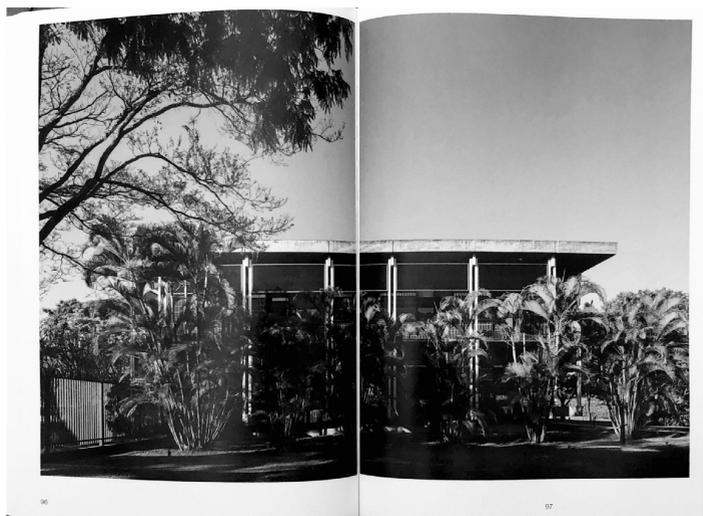
Fonte: acervo da  
autora, 2021.



**Figura 5**

Maloca – Centro de Convivência Multicultural dos Povos Indígenas da UnB (2011).

Fonte: Brasília: História e Modernidade (FINOTTI, 2020).



**Figura 6**

Embaixada da Suíça em Brasília (1977).

Fonte: Brasília: História e Modernidade (FINOTTI, 2020).



Figura 7

Montagem de todos os 129 projetos do livro Brasília: História e Modernidade e somente 2 obras em destaque com autoria feminina.

Fonte: Brasília: História e Modernidade (FINOTTI, 2020).

## 2.2. GUIAS ARQUITETÔNICOS E PATRIMONIAIS

Esse processo de invisibilização, a despeito do crescimento do movimento feminista e da crescente demanda por representações femininas no campo da arquitetura, segue corrente até os dias de hoje. Não apenas nos livros catalogados de obras da capital, mas inclusive em guias arquitetônicos de Brasília, que buscam narrar a história dos projetos arquitetônicos. Serão analisados três guias encontrados no Acervo Público do Distrito Federal. Todos existentes na biblioteca do Acervo Público e de fácil acesso ao público que anseia conhecer a cidade. O primeiro, “Guia turístico de Brasília” do ano de 1972; por ordem cronológica, o próximo a ser analisado é o “Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília”, de 1997. Por último, o mais atual é o “Guiarquitetura Brasília”, do ano 2000.



Figura 8

Capa dos guias analisados.

Fonte: acervo da autora.

Começando pelo “Guia turístico de Brasília” do ano de 1972. Nele, são apresentados vinte e dois projetos arquitetônicos e paisagísticos para conhecer Brasília, não contém foto em nenhum deles, sendo um mapa de conhecimento de Brasília para apresentar os projetos existentes na capital, listados um a um. Apenas um projeto é de autoria feminina. A obra é o Rito dos Ritmos (1959), uma escultura localizada nos fundos do Palácio da Alvorada, da escultora Maria Martins.

No “Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília”, escrito por Andréa da Costa Braga e Fernando A. R. Falcão, de 1997, observam-se obras de arte femininas por Brasília como no Panteão da Pátria Tancredo Neves, por Marianne Peretti; a mesma autora foi responsável pela cobertura da nave da Catedral de Brasília, sendo o vitral composto por 16 peças em fibra de vidro, “inseridas entre os pilares de concreto que formam a estrutura do edifício” (Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília, 1997). Ainda por Marianne Peretti, é apresentada a escultura em bronze polido no *foyer* da Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional Cláudio Santoro, sendo nomeada “O Pássaro”, e no Memorial JK, na Sala do Túmulo, Marianne Peretti foi autora do vitral em fibra de vidro, acima do sarcófago do presidente. Outra obra é a escultura cinética denominada “Ponto de Encontro”, de Mary Vieira, no Palácio do



Itamaraty, e, por fim, a última obra de arte feminina encontrada no guia é localizada nos jardins internos do Palácio da Alvorada, Maria Martins foi autora da escultura em bronze chamada de “Rito dos Ritmos”. Por se tratar da arquitetura de Brasília, nesse mesmo guia observamos o projeto e construção da Agência Taguanorte – Banco do Brasil (1993), elaborado por Yeda Virgínia Barbosa, Mirian Nardelli Costa e Antônio Carlos Rios; a Gráfica do Banco Central, localizada no Setor de Indústrias Gráficas (SIG), tem Helena Magalhães Alonso como uma de suas projetistas; o edifício da Advocacia Bettiol conta com o nome de Andréa da Costa Braga no projeto de 1996, finalizando com Márcia Almeida, que foi uma das autoras do Bloco de Apartamentos da Superquadra Norte (SQN) 208.

Analisando o último guia físico, o “Guiarquitetura Brasília”, de 2000, notamos ser um guia de viagem que auxilie os turistas, e até mesmo os moradores de Brasília, para conhecerem a cidade. Nele, são apresentados diversos pontos turísticos como obras e projetos arquitetônicos. O índice dessas obras é segregado por cada área da cidade, começando pelas preexistências, acampamentos e primeiras obras, que mostra alguns projetos pioneiros da cidade, e nenhuma dessas obras conta com um nome feminino.

Em seguida, é apresentado o Eixo Monumental Leste, contendo Catedral, Praça dos Três Poderes e, inclusive, o Panteão da Pátria, que é representado pelo vitral de Marianne Peretti, mas só é citada a pintura de João Câmara, também deixando de representar a arquitetura feminina. Logo depois vem o Eixo Monumental Oeste, que não apresenta nenhuma obra feita por mulheres.

Na Área Central, o primeiro projeto representado por mulher, e que aparece em todo esse guia, é o paisagismo dos edifícios Camargo Corrêa e Morro Vermelho, por Alda Rabello Cunha, localizados no Setor Comercial Sul (SCS). Alda Rabello também é responsável pelo paisagismo do Hospital Sarah Kubitschek que também é apresentado no guia.

O próximo item é sobre os projetos da Asa Sul e Asa Norte. Os projetos femininos que aparecem são os Blocos C e da Superquadra Norte 208, por Márcia Almeida, projeto de 1988. Além disso, o edifício da Advocacia Bettiol no Setor de Grandes Áreas Norte 601, por Andréa da Costa Braga; mais uma vez, o paisagismo de Alda Rabello na Distribuidora Brasileira de Veículos (Disbrave).

Sobre os projetos da Universidade de Brasília, a arquiteta

feminina representada é a Marisa Maass, uma das projetistas do Posto Ecológico da Petrobras, e Nícia Paes Bormann, que projetou o Centro de Convivência, localizado ao lado do Restaurante Universitário, que possui a livraria da Editora da UnB, o Café das Letras e a agência do Banco do Brasil. Do Setor de Embaixadas não é apresentado nenhum projeto por mulheres, mesmo existindo a Embaixada da Suíça, por exemplo, projetada por Annemarie e Hans Hubacher. Sobre o entorno do Lago, também não são apresentados projetos femininos, e, por último, sobre as Obras, Parques e Setores Industriais, é apresentado o projeto do Aeroporto Internacional de Brasília, que conta com arquitetas no projeto de ampliação, em que Fabiana Torres Mendonça é uma das colaboradoras, além do paisagismo de Rosa Grena Kliass.

Por último, o projeto do Banco do Brasil. A agência de Taguatinga também se encontra no guia, pela projetista Miriam Nardelli Costa e pela paisagista Yeda Virgínia P. B. Barbosa. No total, são apresentados apenas nove projetos femininos.

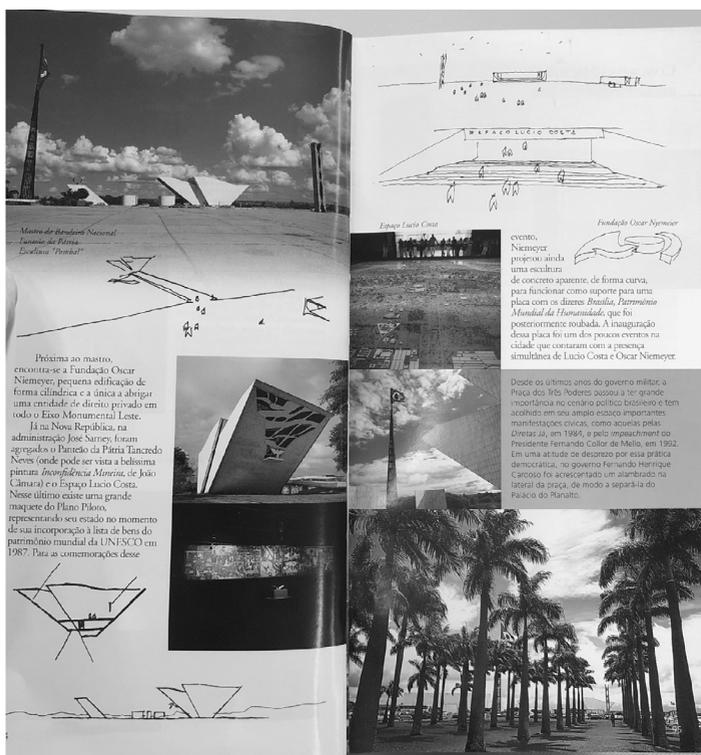


Figura 10

Página do  
Guiarquitetura  
Brasília (2000),  
em que é  
apresentado o  
Panteão da Pátria  
sem mencionar  
Marianne Peretti.

Fonte:  
Guiarquitetura  
Brasília (2000).

Dentro da apresentação de guias arquitetônicos dispostos pela cidade de Brasília, existem também os guias virtuais, geralmente de mais fácil acesso ao público quando se buscam locais para conhecer em uma cidade. Alguns dos *websites* que apresentam as obras, arquiteturas, monumentos e artes de Brasília nomeiam diversos projetos pela capital, principalmente os mais icônicos, onde, geralmente, os projetos femininos são preteridos e sub-representados.

Um exemplo disso é o Guia de arquitetura de Brasília (2019), do *website Archdaily*, escrito por Julia Daudén. Nesse guia, são apresentados 16 projetos para conhecer Brasília e todos são projetos feitos por homens. Oscar Niemeyer e Lúcio Costa, obviamente, aparecem em diversos projetos. Marcelo Campello e Sérgio Rocha como idealizadores da Superquadra Sul 208, com jardins de Burle Marx; a sede do SEBRAE de Grupo SP em conjunto com Luciano Margotto; a Embaixada da Itália, de Pier Luigi Nervi; e o Hospital Sarah Kubistchek, de Lelé. Nesse último, poderia ter sido apresentado, por exemplo, o paisagismo de Alda Rabello Cunha, sendo o projeto paisagístico do hospital extremamente relevante para o resultado final do conceito adotado. O acesso às áreas verdes, por exemplo, é essencial para a administração de exercícios ao ar livre para os doentes, mas, ainda assim, esse projeto foi subtraído do guia virtual, colocando as mulheres, mais uma vez, no campo da invisibilidade.

### 3. CONTRA-CARTOGRAFIAS

As maneiras que existem de tornarem visíveis os trabalhos de arquitetas são diversas, mas a maior exposição dessas obras de arquitetas em Brasília, que podem ser observadas, é o melhor que se deve fazer para conseguir maior alcance das obras e para que o público em geral tenha entendimento delas.

Sendo os guias e catálogos arquitetônicos femininos na capital. O protagonismo das mulheres pode ser observado em diversos projetos, analisando e compilando todos os encontrados nos guias, mapeando projetos de arquitetas, *designers*, artistas, urbanistas e paisagistas, como uma alternativa para viabilizar o maior acesso do público às obras feitas por mulheres em Brasília.

A iniciativa da arquiteta Luiza Dias Coelho, de mapear e criar um aplicativo sobre as obras femininas em Brasília, é um projeto

adotado para garantir o maior acesso das obras femininas para o público em geral, e que seja de fácil acesso. Além de um mapa, o guia também é um aplicativo interativo, que o espectador pode acessar pelo celular e enviar, também, indicações de projetos de mulheres pela cidade de Brasília. Essa é uma das iniciativas que contrapõem os guias tradicionais da capital, que protagonizam os homens mais reconhecidos.

Figura 11  
Guia de Bolso desenvolvido pela arquiteta Luiza Coelho.

Fonte:



Essa iniciativa é apenas uma dentre várias que devem ser implementadas na cidade para que o acesso às obras femininas seja mais viável e fácil às pessoas. Atitudes como essa são o primeiro passo para que as obras e os nomes femininos fiquem mais difundidos para o público em geral, para que se saiba o real valor das mulheres arquitetas e artistas e o papel desempenhado por elas na cidade de Brasília.

O artigo “As arquitetas (mulheres) que fizeram a capital”, de Maribel Aliaga Fuentes, Carolina Pescatori e Luiza Dias Coelho, demonstra essa falta de representatividade das arquitetas femininas. Nele, são citados nomes de diversas arquitetas que fizeram parte da história de Brasília que não foram mencionadas em nenhum dos livros-catálogos e guias analisados.

Maria Elisa Modesto Guimarães Costa, filha de Lúcio Costa, por exemplo, trabalhou em projetos da construção de Brasília como

a de calçadas das quadras 700 e a plataforma da Rodoviária. As arquitetas Mayumi Watanabe Souza Lima e Philomena Chagas Ferreira são arquitetas acadêmicas fundamentais para o estudo em Brasília, sendo a última responsável pela primeira proposta de levantamento climático da cidade e sua aplicação nas construções de Brasília (ALIAGA; COELHO; PESCATORI, 2020). A arquiteta Sonia Marlene de Paiva Cole também aparece em autoria de projetos, um deles é o projeto do Centro Paroquial Santa Rita de Cássia. Outra arquiteta influente em Brasília é a Márcia Aguiar Nogueira Batista, também acadêmica, trabalhou no CEPLAN e na NOVACAP, participou do desenvolvimento do projeto do zoológico de Brasília. Esses são apenas alguns dos nomes de muitas outras arquitetas citadas no artigo, mas que não aparecem nos guias e são pouco reconhecidas pelo público.

## CONCLUSÃO

Brasília, sendo a cidade ícone da modernidade nacional, tem uma história que impacta a nossa própria identidade como nação. Grande parte dessa identidade é revelada a partir de sua arquitetura, representada por desenhos de edifícios e projetos predominantemente feitos por homens. Não por acaso, a história que é narrada da perspectiva masculina, por meio da figura do presidente Juscelino Kubitschek e os candangos da construção da cidade de Brasília, fez com que o reflexo desse protagonismo masculino na arquitetura se tornasse previsível. Essa justificativa dos ídolos serem sempre pautados na masculinidade pode e deve ser alterada, tendo em vista que muitas mulheres fizeram e continuam fazendo parte da história e arquitetura de Brasília e merecem o devido reconhecimento e representatividade.

As mulheres, que muitas vezes são protagonistas, são colocadas em lugares de figurantes, quando em grande parte são elas as verdadeiras agentes da história. Exemplo muito claro dessa minimização é o da arquiteta Denise Scott Brown, que teve seu trabalho diminuído quando somente seu marido, Robert Venturi, recebeu o prêmio *Pritzker*.

Essa invisibilização das mulheres na arquitetura é presente até hoje. Não somente no mundo, como também em Brasília, que tem toda a história narrada por homens, mas o cenário atual está dando os primeiros passos para que isso seja revertido. Essa

reversão está sendo possível quando se utilizam de novos guias e mapas culturais para inserção das obras das mulheres em Brasília. Tendo sido feita a análise de diversos livros/catálogos da cidade, de escritores arquitetos amplamente reconhecidos, e também de guias e mapas culturais existentes ao longo dos anos, encontramos artistas como Marianne Peretti, Mary Vieira e Maria Martins, arquitetas como Anna Maria Niemeyer, Alda Rabello Cunha e Márcia Almeida, muito embora exista essa sub-representação dos projetos das arquitetas e de outras que fizeram parte da história de Brasília como Mayumi Watanabe de Souza Lima, que não aparece em nenhum livro, catálogo ou guia analisado.

A história está sendo revisitada e é necessária essa apresentação de projetos femininos para que exista a democratização de reconhecimento das obras das mulheres, e para que cada vez mais arquitetas se sintam encorajadas para terem seus trabalhos reconhecidos e representados.

## REFERÊNCIAS

ARCHDAILY. **Denise Scott Brown Demands Recognition from Pritzker**. Disponível em: [www.archdaily.com/349920/denise-scott-brown-demands-recognition-from-pritzker](http://www.archdaily.com/349920/denise-scott-brown-demands-recognition-from-pritzker). Acesso em: 31 de mar. 2022.

BRAGA, Andréa da Costa; FALCÃO, Fernando A. R. **Guia de Urbanismo, Arquitetura e Arte de Brasília**. Brasília: Fundação Athos Bulcão, 1997.

BRASÍLIA, Agência. **As mulheres que ajudaram na construção de Brasília**. Agência Brasília, 2019. Disponível em: [www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/07/18/as-mulheres-que-ajudaram-na-construcao-de-brasilia](http://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/07/18/as-mulheres-que-ajudaram-na-construcao-de-brasilia). Acesso em: 25 de jan. 2022.

\_\_\_\_\_. **Nascidas com Brasília**: as ocupações pioneiras. Agência Brasília, 2019. Disponível em: [www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/10/24/nascidas-com-brasilias-as-ocupacoes-pioneiras](http://www.agenciabrasilia.df.gov.br/2019/10/24/nascidas-com-brasilias-as-ocupacoes-pioneiras). Acesso em: 31 de mar. 2022

ARQUITETURA E ENGENHARIA. **Brasília edição “arquitetura e engenharia”**. Edição especial. 1960.

COELHO, Luiza R. D. **Arquitetas de Brasília**. Disponível em: [arquitetasdacidade.glideapp.io](http://arquitetasdacidade.glideapp.io). Acesso em: 27 de mar. 2022.

CHANGE. **The Pritzker Architecture Prize Committee**: Recognize Denise Scott Brown for her work in Robert Venturi’s 1991 Prize. Disponível em: [www.change.org/p/the-pritzker-architecture-prize-committee-recognize-denise-scott-brown-for-her-work-in-robert-venturi-s-1991-prize?redirect=false](http://www.change.org/p/the-pritzker-architecture-prize-committee-recognize-denise-scott-brown-for-her-work-in-robert-venturi-s-1991-prize?redirect=false). Acesso em: 13 de mar. 2022.

DAUDÉN, Julia. **Guia de arquitetura de Brasília**: 16 projetos para entender as escalas da capital brasileira. Archdaily, 2019. Disponível em: [www.archdaily.com.br/br/925485/guia-de-arquitetura-de-brasilias-16-projetos-para-entender-as-escalas-da-capital-brasileira](http://www.archdaily.com.br/br/925485/guia-de-arquitetura-de-brasilias-16-projetos-para-entender-as-escalas-da-capital-brasileira). Acesso em: 10 de fev. 2022.

DELAQUA, Victor. **Da utopia à realidade**: Brasília faz 60 anos. Archdaily, 2020. Disponível em: [www.archdaily.com.br/br/937940/da-utopia-a-realidade-brasilia-faz-60-anos](http://www.archdaily.com.br/br/937940/da-utopia-a-realidade-brasilia-faz-60-anos). Acesso em: 10 de fev. 2022.

FONTENELE, Tânia. **Mulheres na construção de Brasília** — Muitas histórias para contar.

FRAGA, Emerson Fonseca. **Denise Scott Brown**: Trabalho era conjunto, mas só o marido recebeu o Pritzker. CAU/BR, 2020. Disponível em: [www.caubr.gov.br/denise-scott-brown-trabalho-era-conjunto-mas-so-marido-recebeu-o-pritzker](http://www.caubr.gov.br/denise-scott-brown-trabalho-era-conjunto-mas-so-marido-recebeu-o-pritzker). Acesso em: 8 de fev. 2022.

FRANCK., Karen A.; PAXSON, Lynn. **Women and Public Space**. Pleum Press. Cidade: New York. 1989.

GRAEFF, Edgar; MARINHO RÊGO, Flávio; GUEDES, Joaquim; FILGUEIRAS LIMA, João; **Arquitetura Brasileira após Brasília** / Depoimentos. Instituto dos Arquitetos do Brasil. Rio de Janeiro, 1978.

**Guia Turístico de Brasília**. C. R. EDITORA LTDA. 1972.

**Guiarquitetura Brasília**. Roteiro Turístico da Capital Federal. Empresa das Artes. Editora Abril, 2000.

LATERZA, Ana; MORENO, Júlio. **Visão completa sobre a presença da mulher na arquitetura e urbanismo**. Vitruvius, 2019. Disponível em: [vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/18.207/7288](http://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/18.207/7288). Acesso em: 11 de fev. 2022.

NEW YORK TIMES. **Partner Without the Prize**. Disponível em: [www.nytimes.com/2013/04/18/arts/design/bid-for-pritzker-prize-to-acknowledge-denise-scott-brown.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2013/04/18/arts/design/bid-for-pritzker-prize-to-acknowledge-denise-scott-brown.html?pagewanted=all&_r=0). Acesso em: 31 de mar. 2022

REIS, Marcelo Rodrigues dos. **Tia Neiva**: a trajetória de uma líder religiosa e sua obra, o Vale do Amanhecer (1925-2008). 2008. Disponível em: [repositorio.unb.br/handle/10482/4780](http://repositorio.unb.br/handle/10482/4780). Acesso em: 31 de mar. 2022

ROSENTHAL SCHLEE, Andrey; FIGUEIREDO, Luciano; FINOTTI, Leonardo. **Brasília: História e modernidade.** Companhia Brasileira. 2020.

SCOTT BROWN, Denise. **Sexism and the Star System in Architecture.** Mas Context. 2015. Disponível em: [www.mascontext.com/issues/27-debate-fall-15/room-at-the-top-sexism-and-the-star-system-in-architecture](http://www.mascontext.com/issues/27-debate-fall-15/room-at-the-top-sexism-and-the-star-system-in-architecture). Acesso em: 31 de mar. 2022

THE NEW YORKER. **What About Denise?** Disponível em: [www.newyorker.com/culture/culture-desk/what-about-denise](http://www.newyorker.com/culture/culture-desk/what-about-denise). Acesso em 28 jun. 2022.

THE PRITZKER ARCHITECTURE PRIZE. **Announcement:** Robert Venturi. Disponível em: [www.pritzkerprize.com/announcement-robert-venturi](http://www.pritzkerprize.com/announcement-robert-venturi).

VITRUVIUS. **Os interiores das casas de Liliana e Joaquim Guedes.** Uma perspectiva de gênero. 2019. Disponível em: [vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.232/7524](http://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/20.232/7524). Acesso em: 31 de mar. 2022.



# SOBRE AS AUTORAS

## ALYSSA VOLPINI

*alyssa.volpini@gmail.com*

Alyssa Volpini é arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (UnB).



## ANA CAROLINA MEDEIROS

*ana@ateliercavilha.com*

Arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília, tem o gênero na arquitetura como principal área de interesse e pesquisa. Complementou sua formação acadêmica em cursos na Universidade de Groningen, na Holanda, e no Politecnico di Torino, na Itália. Atua profissionalmente nas áreas de arquitetura e *design* e é cofundadora do Atelier Cavilha.



## CAROLINA PESCATORI

*pescatori@unb.br*

Arquiteta, professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília e pesquisadora do seu Programa de Pós-Graduação em Urbanismo. Doutora (UnB), mestre em Arquitetura da Paisagem (Pennsylvania State University–EUA). É coordenadora do grupo de pesquisa TOPOS — Paisagem, Projeto e Planejamento e pesquisadora do Amar.é.linha. Sua pesquisa problematiza o urbano do ponto de vista histórico e político.



## JÚLIA BIANCHI

*jbfbianchi@gmail.com*

Júlia Bianchi é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



## JÚLIA COUTINHO

*arch.juliacoutinho@gmail.com*

Júlia Coutinho é arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (FAU/UnB), com passagem pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP). Cursou Belas Artes em Portugal, na FBAUP, e hoje trabalha como arquiteta em Brasília, com foco em habitação contemporânea e conservação do patrimônio moderno.



## JÚLIA MOREIRA

*juliafmoreira3@gmail.com*

Graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



## LORRANY DA SILVA ARCANJO

*lorranysarcanjo@gmail.com*

Lorrany Arcanjo é graduanda em arquitetura e urbanismo pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB) e integra o grupo do Amar.é.linha — Observatório de estudo feministas em arquitetura e urbanismo da FAU–UnB.



## LUIZA REGO DIAS COELHO

*lu.dias.coelho@gmail.com*

Arquiteta e Urbanista pela Universidade de Brasília. É vice-presidente extraordinária de Ações Afirmativas e co-coordenadora da Comissão de Equidade de Gênero do Instituto de Arquitetos do Brasil. Cofundadora da Coletiva Arquitetas (in)Visíveis (2014). Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha — estudos feministas em Arquitetura e Urbanismo.



## MAITÊ CAMPOS VIEIRA

*maitecamposv@gmail.com*

Maitê Campos Vieira, arquiteta e urbanista pela Universidade de Brasília (FAU UnB), tem passagem pela École Nationale Supérieure d'Architecture - Paris Malaquais, na França. Após o contato com Belas Artes e *Design* em Paris, atua hoje como *designer* gráfica e diretora de arte em Brasília.



## MARIBEL ALIAGA FUENTES

*arqmarialiaga@gmail.com*

Arquiteta e urbanista pela Belas Artes de São Paulo, Mestre em Teoria da Arquitetura e Urbanismo pelo PROPAP - UFRGS, doutora em Teoria e História da Arquitetura pela UnB, professora adjunta da mesma instituição desde 2008. Feminista e Pesquisadora do Observatório Amar.é.linha.



## NÁDIA VILELA

*nadiabtvilela@gmail.com*

Nádia Vilela é jornalista e graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília (UnB).



## RICARDO TREVISAN

*prof.trevisan@gmail.com*

Professor associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília (UnB), membro do grupo de pesquisa Topos — Paisagem, Projeto e Planejamento, da FAU-UnB, e da rede de pesquisadores do Laboratório de Experiências Urbanísticas (LEU). Coordenador da equipe da Cronologia do Pensamento Urbanístico na UnB. Pesquisador CNPq. Presidente da ANPARQ (2021–2022).



## SARA CRISTINA ZAMPRONHA

*sarazampronha@gmail.com*

Sara Zampronha é mestranda no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo na Universidade de Brasília. Atualmente, pesquisa direito das mulheres à cidade, crítica feminista ao planejamento urbano, e métodos de participação ativa da população na elaboração e revisão de legislações urbanas.



## SARAH GABRIELLE LUCENA SILVA

*spls.sarahsilva@gmail.com*

Graduanda em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Brasília.



## EDIÇÃO E REVISÃO

### LUCAS CORREIA AGUIAR

*correia.lucas@live.com*

Lucas Correia Aguiar é mestre em linguística pela Universidade de Brasília, pela qual também é licenciado em letras. Atua como professor, consultor e revisor de língua portuguesa.



## PROJETO GRÁFICO

### ATELIER CAVILHA

*oi@ateliercavilha.com*

Atelier de arquitetura e design, criado por Ana e Filipe: duas mentes curiosas, inquietas e críticas, encantadas pelo ato de criar. Responsável pelo projeto gráfico e diagramação deste livro.



OBSERVATÓRIO  
AMAR.  
É.  
LINHA.



**O OBSERVATÓRIO** Amar.é.linha foi criado em 2018 como um grupo de pesquisa voltado aos estudos feministas no campo da Arquitetura e do Urbanismo na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, sob coordenação da professora Maribel Aliaga. Este livro é uma coletânea de projetos e pesquisas de alunas de graduação, resultados de Trabalhos Finais de Graduação, ensaios teóricos e pesquisas de iniciação científica, desenvolvidos no Observatório e o consolida como lugar de formação e incentivo a jovens pesquisadoras. Os textos aqui apresentados desenvolvem importantes leituras críticas a partir de uma sólida abordagem política da arquitetura, do urbanismo e do planejamento, enquanto alimentam a esperança de que as pesquisas feministas se consolidem, se espalhem e frutifiquem no Brasil, especialmente em tempos tão sombrios.

**textos:** luiza coelho **maribel aliaga** ana carolina medeiros  
**júlia moreira** júlia coutinho **ricardo trevisan** maitê campos  
**sarah silva** nácia vilela **lorrany arcanjo** júlia bianchi  
**sara zamprona** alyssa volpini

**organização:** maribel aliaga **carolina pescatori**

